

Descentralizando experiências performáticas em Corpocidade: efemeridade dos corpos e do centro

Decentralizing performative experiences in Bodycity: ephemerality of bodies and center

DOI:10.34117/bjdv7n5-366

Recebimento dos originais: 07/04/2021

Aceitação para publicação: 18/05/2021

Vinícios Nalin

Mestrando em Geografia - PPGGeo/UFFS
Universidade Federal da Fronteira Sul
Rodovia SC 484 - Km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899 – Chapecó/SC
E-mail: vininalin45@gmail.com

André Luiz Carrilho Nucci

Mestre em Arquitetura e Urbanismo
Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 1020 cep 88040-001 Florianópolis/SC
E-mail: carrilho.and@gmail.com

Paula Batistello

Doutora em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó
Servidão Anjo da Guarda, 295, Bairro EFAPI – 89809-900 – Chapecó/SC
E-mail: pbarq@unochapeco.edu.br

RESUMO

Corpo e cidade encontram-se cotidianamente interligados nos espaços urbanos, sendo ambos percebidos de maneira efêmera como duas instâncias distintas, embora sejam vistos de forma correlacional. Entretanto, é possível observar pelas cidades, testemunhos de apropriação de lugares (e não-lugares), que permitem a observação da cidade pela sua corpografia. Este artigo traz resultados de um trabalho de conclusão de curso, finalizado em 2018, sobre a experiência da performance dos corpos com relação a vivência da cidade. O estudo ocorre em dois bairros da cidade de Chapecó – SC, com a finalidade de compreender a percepção do lugar pelo corpo e, assim, resultar em uma intervenção que potencialize a experiência dos corpos pela cidade.

Palavras-Chaves: corpo, corpocidade, centralidade, efemeridade, performance.

ABSTRACT

Body and city are daily interconnected in urban spaces, both of which are perceived ephemerally as two distinct instances, although they are seen in a correlational way. However, it is possible to observe by the cities, testimonies of appropriation of places (and non-places), which allow the observation of the city by its bodygraphy. This article presents the results of a work of conclusion of course, finalized in 2018, on the experience of the performance of the bodies with respect to the experience of the city. The study takes place in two districts of the city of Chapecó - SC, in order to understand the perception

of the place by the body and, thus, result in an intervention that enhances the experience of the bodies by the city.

Key Words: body, bodycity, centrality, ephemerality, performance.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma pesquisa que aborda a performance do corpo sobre os espaços urbanos, realizada em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) finalizado em 2018 na Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Esta temática possibilita inúmeros desdobramentos, entretanto, a pesquisa entra em uma visão das experiências do corpo na cidade, mais especificamente em observar como a cidade é vivida. Atualmente, os estudos entre o corpo e a cidade vem sendo discutidos por autores como Moehlecke (2005), Jacques (2008, 2010), e Britto (2010) – as duas últimas, atuantes na Plataforma Corpocidade¹, trazendo o estudo do corpo e de suas implicâncias urbanas a um outro olhar, apontando a cidade contemporânea em suas complexidades.

O desenvolvimento da pesquisa teve seu início na disciplina de seminário do curso de Arquitetura e Urbanismo onde, partindo de um questionamento, a turma foi levada a compartilhar suas incomodações diante das cidades. Para os autores, a desaproximação das pessoas com o espaço público e engessamento ao qual condicionam os usuários a usá-los em suas centralidades, foi a problemática inicial a ser debatida.

A partir deste incômodo, foram observadas as diversas centralidades dentro da cidade. Primeiro, tem-se um centro espacial com desenho formal, com referência ao desenho urbano higienista neoclássico, ao qual pertence o marco inicial da cidade. Entretanto, no desenvolver da cidade vão sendo criados novos centros, que por sua vez criam outros novos e assim por diante. Em um exemplo prático, ao partir de certa centralidade da cidade, tem-se lojas, boates, bares, etc., e em cada um desses espaços, são criados núcleos de convívio. Em uma boate as pessoas se agrupam às que gostam de dançar, aos que bebem ou até mesmo aos que ficam sentados. Mas o que une todos esses centros?

Ao longo do processo de desenvolvimento da pesquisa, foram dialogados os espaços públicos como lugares pouco conversáveis, onde pouco se pensa na vulnerabilidade dos corpos. Nesse momento, percebe-se que a cidade deixa de ser vista como um lugar efêmero receptor de performances. Ao momento em que os corpos se

encontram com a identidade histórica e cultural da cidade, somados às identidades estrangeiras a ela, se passa a viver a cidade como um elemento vivo.

Desta maneira, o trabalho segue uma abordagem qualitativa, onde primeiramente foi realizada a investigação por meio de pesquisa monográfica e de campo, construindo o embasamento do estudo através de bibliografias, por mapeamento fotográfico e espacial, onde foram realizados: (i) análise da cidade de forma espacial e corpográfica; (ii) mapeamento fotográfico da área de intervenção; (iii) definição das áreas de intervenção a partir de um contexto genérico – posteriormente classificados em grupos que foram mais marcantes no espaço escolhido: (a) muros e taludes, (b) espaços de estacionamento, (c) passeios e afastamentos e (d) ruas e vazios urbanos. A partir destas definições, de área e de performances a serem exploradas, foram realizados então experimentos projetivos para potencializar a vivacidade nesses pequenos núcleos urbanos. Nesse momento o processo projetual tomou um caminho focado na observação e leitura da cidade, onde foram realizadas visitas de campo para vivência e observação, percebendo manifestações já existentes de experientiação da cidade. Após a identificação dos contextos citados, foram compreendidos os percursos e a relação do corpo com os mesmos, para tomar assim partido formal para as propostas.

Partindo dessa fundamentação, a pesquisa apresentada nesse artigo busca aprofundar a forma de viver a cidade, buscando compreender e estimular as experiências performáticas do corpo pela cidade. O estudo foi realizado nos bairros Jardim América e São Cristóvão, localizados na cidade de Chapecó, Santa Catarina, tendo em vista a sua leitura urbana como cidade e aproximação com a proposta.

2 CORPO, CIDADE E PERFORMANCE

Em seu estudo e compreensão sobre a arte, alinhada à sua relação de habitação com as pessoas, Britto (2016) emerge a dimensão do corpo e da cidade como duas instancias da existência da vida humana, que se co-implicam, segundo a autora eles se definem juntos, se estabelecem juntos e se interferem um no outro e se afetam mutuamente.

Nesse contexto, pode-se destacar a cidade como um corpo vivo. Para Pallasmaa (2018) a experiência na cidade não é somente um evento mental, mas um ato de corporificação e projeção, isso nos leva a procurar compreender a forma como a cidade passa a se comportar diante dos corpos no presente, tendo em vista os comportamentos já tidos no passado. Para Melo et al. (2020), os corpos podem ser observados como

fenômenos culturais, tendo em vista os gestos que acercam a individualidade de cada ser, como por exemplo, o sotaque, a vestimenta e alimentação. Nesse sentido, “o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo” (MELO et al. 2020, p. 66982), sendo o corpo então, uma realidade bio-política, que se expande para além de si mesmo e reflete a cidade e por ela é refletido.

A cidade formal responde ao corpo de uma forma negatória, induzindo o mesmo ao uso pré-disposto, seja na separação de pedestres e veículos – que se faz necessário, mas passa a tomar proporções de autoritarismo – ou até mesmo nos centros criados.

Como consequência de sua complexidade, a arquitetura está fadada a surgir de uma ação interativa e corporificada que funde a racionalidade e emoção, conhecimento e intuição, e não a resultar da teoria. É perfeitamente possível haver aspectos baseados na teoria e totalmente racionais no processo projetual, mas, em sua totalidade, esse processo é sintético e interativo. (PALLASMAA, 2018, p. 102)

Em paralelo ao entendimento do comportamento da cidade com os corpos, traça-se o comportamento da cidade com os não-lugares. Nesse contexto, Jaques (2003), analisa espaços periféricos das cidades comparado analogicamente às três figuras conceituais – Fragmento, Labirinto e Rizoma²⁻³ – utilizadas para demonstrar a obra de Oiticica, onde é possível encontrar uma ligação entre a estrutura das favelas com o processo evolutivo dos centros criados pela cidade.

Segundo Jacques (2003), a obra de Oiticica instiga a criação de espaços inacabados que tornam possíveis diversas experiências, e diante disso, a cidade é a grande hospedeira dessas experiências, criadas pelas pessoas e vivenciadas.

O ato de tornar a cidade um corpo de experiências abre caminhos para a aceitação da passagem do tempo e das marcas que ele deixa.

Os limites urbanos geraram aberturas, rupturas e fechamentos, menos aparentes que os da Antiguidade, mas igualmente constrangedores e segregativos. Assim, quem não está dentro de sua lógica e dos seus limites pode sofrer as consequências. O seu funcionamento, apesar de complexo, busca evitar os desvios ou, quando eles ocorrem, tenta ignorá-los. Nesse sentido, os corpos desviantes se tornam invisíveis nas grandes cidades. (MOEHLECKE, 2005, p. 64)

A poética da experiência da cidade busca a vivência como ponte para suas articulações, possibilitando assim sua efetivação corporal, onde as formas podem ser dimensionadas cientificamente, mas se apoiam numa entidade vivenciada.

A partir da experiência sensorial, nosso corpo constrói, ao longo de nossa existência, as noções da espacialidade que usamos a todo instante no processo de cognição dos lugares. Usamos a memória corporal para nos imaginarmos no espaço: se olharmos para o alto de uma escadaria, anteciparemos o cansaço que será sentido ao chegar ao topo, pois a nossa experiência espacial nos tornou aptos a compreender as distâncias, o esforço e o ritmo que faremos ao nos deslocar e, conseqüentemente, o tempo que levaremos para chegar lá. A experiência do corpo é sempre uma experiência no espaço e no tempo. (DUARTE, 2015, p. 07)

Desta forma, considerar a origem e o processo evolutivo dos lugares vem se tornando um método assertivo de se projetar para as cidades na contemporaneidade, favorecendo o corpo e a sua ligação com o lugar. Há muito tempo o ato de usar a cidade deixou de ser apenas um sentido tático, vai além da experiência do contato físico, adentrando a experiências sensoriais e psíquicas de como o corpo se relaciona com o conjunto.

Nesse contexto a cidade permite se tornar um abrigo de experiências e se construir a partir desse ponto, tornando passível a participação das pessoas em sua evolução, fazendo com que efetivamente tenhamos uma cidade para pessoas.

[...] a cidade passa à criação de espaços inacabados que tornam possíveis diversas experiências, de acordo com a disponibilidade criativa das pessoas que nele entram. Ele sugere usos possíveis dos espaços criados, deixando-os abertos a todas as propostas por parte dos utilizadores ou, simplesmente, dos passantes. Espera do público performances, deixa espaços vazios para que elas aconteçam. (JACQUES P. B., 2003, p. 83)

3 INTERVENÇÃO EXPERIMENTAL NA CIDADE DE CHAPECÓ - SC

Localizada no Oeste Catarinense, a cidade de Chapecó foi espacializada desde seu início a partir de um núcleo central, que gira entorno das dinâmicas exploradas no decorrer de sua trajetória. Em contrapartida a esse núcleo, temos o crescimento das periferias, que passam a se dividir socialmente pelo acelerado crescimento que a cidade teve com o desenvolvimento agroindustrial (RECH, 2008 apud BERTO, FACO, FUJITA, (2014)). Segundo os autores, nesse tempo, principalmente entre as décadas de 1970 e 1990, a cidade viu sua população duplicar, tornando-se majoritariamente urbana (cerca de 78%⁵), o que levou a descentralização da população, principalmente para as bordas.

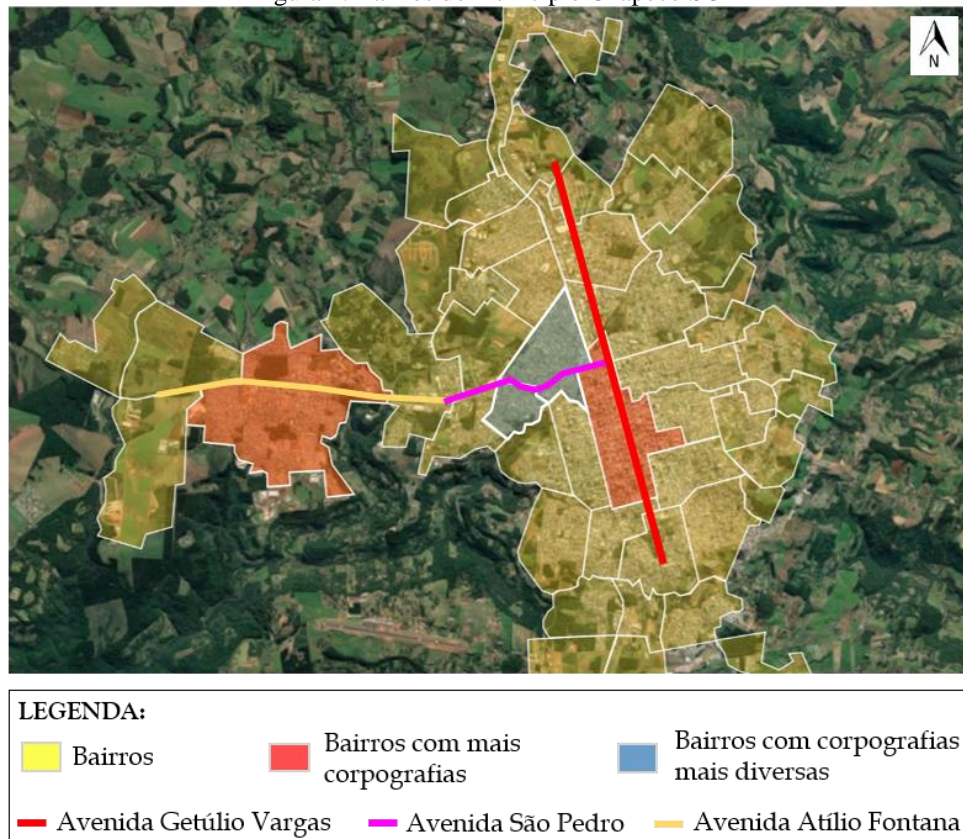
Através dessa construção vinda de um centro, essa região passou a ser detentora das maiores concentrações de atividades e visibilidades, surgindo com o passar do tempo a necessidade e desejo de descentralizar esse espaço e atividades urbanas, a fim de permitir a experiência pela cidade como um todo. Nesse processo a cidade passa a apresentar alterações de comportamento, dadas pelo período de expansão, onde a espacialização

urbana passou a se prolongar para as periferias. Para Jacques (2003), entende-se essa alteração de comportamento como a separação entre o centro simbólico e as periferias, assim o centro não é mais um ponto fixo, mas sim uma linha que se desloca.

Diante dessa desconstrução do centro como apenas um núcleo, podemos destacar centralidade dentro de cada centro. Segundo Jacques (2003) a espacialização do tempo torna-se a temporalização do espaço, ou seja, percebe-se a efemeridade da ideia de núcleo dos espaços valorizando o deslocamento pela cidade.

Com essa compreensão e, tendo em vista a vinda de estrangeiros para a cidade, dentre os quais, destacam-se os Haitianos e Senegaleses, destacou-se o surgimento de um meio entre os grandes centros da cidade (Figura 1) – o centro espacial, citado anteriormente, e o centro surgido historicamente, pela aglomeração de indústrias, atacados e instituições de ensino – que detêm as maiores concentrações de corpografias. Esse meio surgido aparece em destaque estudado em dois bairros: Jardim América e São Cristóvão, os quais possuem uma maior concentração de diversidade em suas corpografias e o torna assim um novo centro por aproximar a população estrangeira da população local.

Figura 1: Bairros do município Chapecó SC

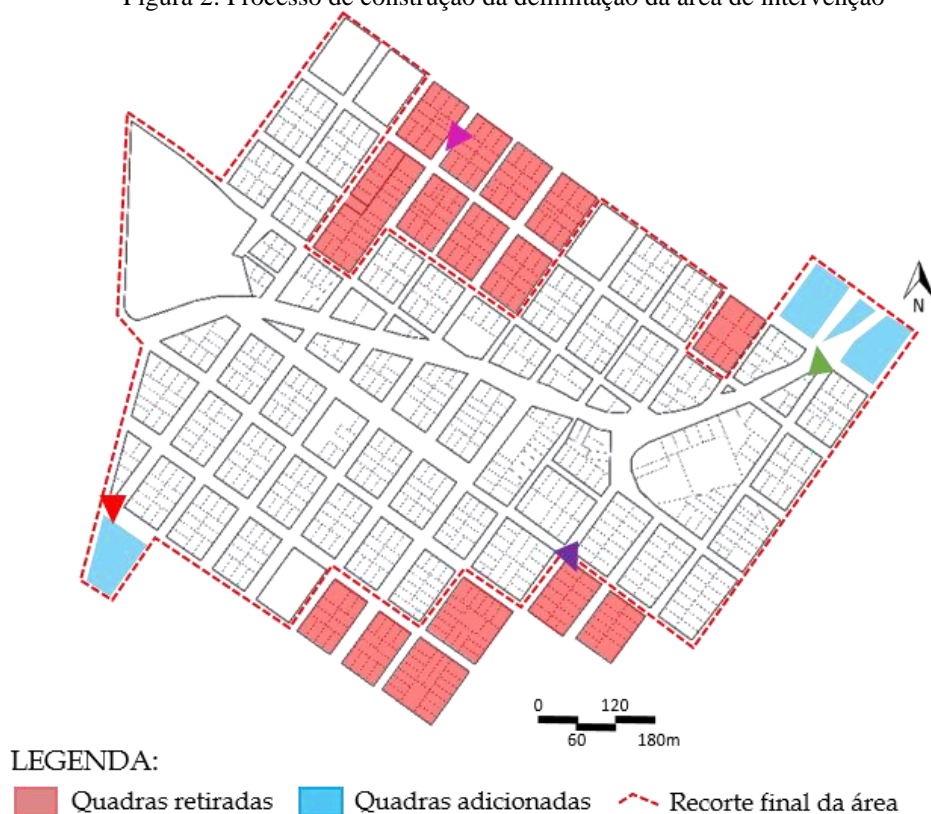


Fonte: elaborado pelos autores, 2018.

Com a chegada desses corpos estrangeiros, pode-se observar nos últimos anos diversos testemunhos de apropriação do uso dos corpos pela cidade. Além dos usuários característicos dessa região, em sua maioria trabalhadores fabris e estudantes, novos modos e coloridos chamaram atenção. Dentre esses podem se destacar a expressão corpográfica material do uso dos espaços, como forma de mostrar sua identidade e experiência pela cidade. Cada uso apresenta diversas formas de apropriação, a partir de novas experiências, que são lidas pela linguagem dos corpos e possibilitaram a delimitação espacial da área estudada (Figura 2).

Para a delimitação da área de estudo, as quadras que apresentavam pouca corpografia foram retiradas do recorte inicial, pois se tratavam de áreas residenciais, onde não foram identificados movimentos constantes e apropriações significativas para o estudo. Em contrapartida, as quadras adicionadas apresentaram potencialidades de apropriação por serem espaços já utilizados que, embora com pouco uso, apresentaram características promissoras (Figura 3).

Figura 2: Processo de construção da delimitação da área de intervenção



Fonte: elaborado pelos autores, 2018.

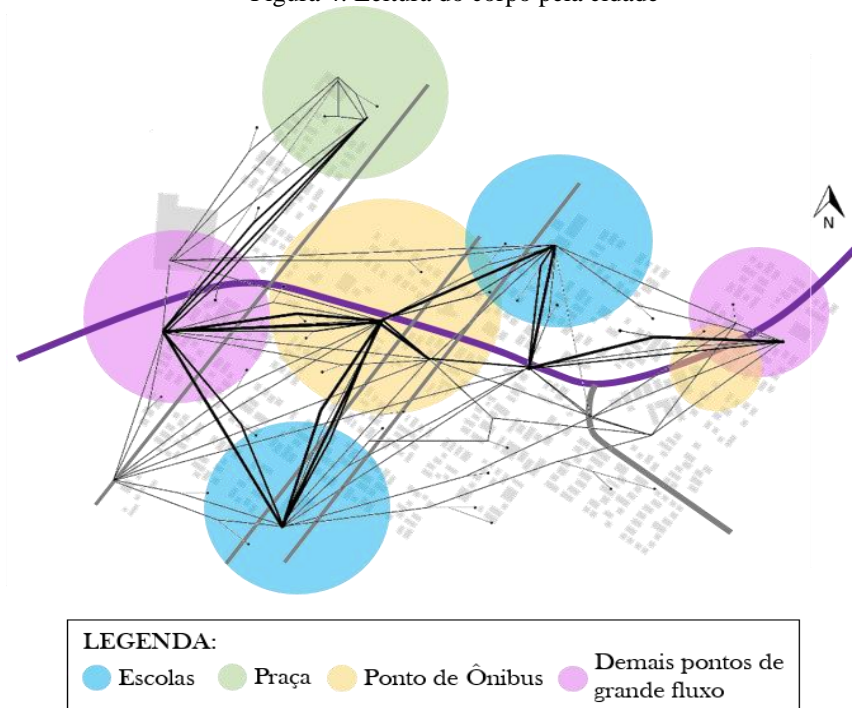
Figura 3: Cenários existentes (correlacionados com a Figura 2)



Fonte: elaborado pelos autores, 2018.

A partir dessa delimitação, pôde-se realizar o estudo observacional com levantamento fotográfico e comportamental e assim perceber a cidade, fazendo a leitura dos corpos na mesma de maneira dimensional. Com relação ao percurso dos corpos pela área, foi observado maior significância nos trechos entre os equipamentos públicos, sendo esses escolas, praças e pontos de ônibus (Figura 4) e o restante em demais áreas com ocupações variadas.

Figura 4: Leitura do corpo pela cidade



Fonte: elaborado pelos autores, 2018.

Nesse processo, foram identificadas apropriações em espaços comumente não praticados (Figura 5), onde baseados em Marc Augé e considerados como não lugares, esses espaços expressam sua identidade através das cores e corpografias. Para Augé (1994), os lugares nunca são completamente apagados, já por outro lado, os não lugares nunca se realizam por completo, seriam esses espaços ‘sem histórias’.

O espaço como prática dos lugares e não do lugar procede, na verdade, de um duplo deslocamento: do viajante, é claro, mas também, paralelamente, das paisagens, das quais ele nunca tem senão visões parciais [...] E, se chamarmos de “espaço” à prática dos lugares que define especificamente a viagem, ainda é preciso acrescentar que existem espaços onde o indivíduo se experimenta como espectador, sem que a natureza do espetáculo lhe importe realmente [...] O espaço do viajante seria, assim, o arquétipo do não lugar. (AUGÉ, 1994, p. 80-81)

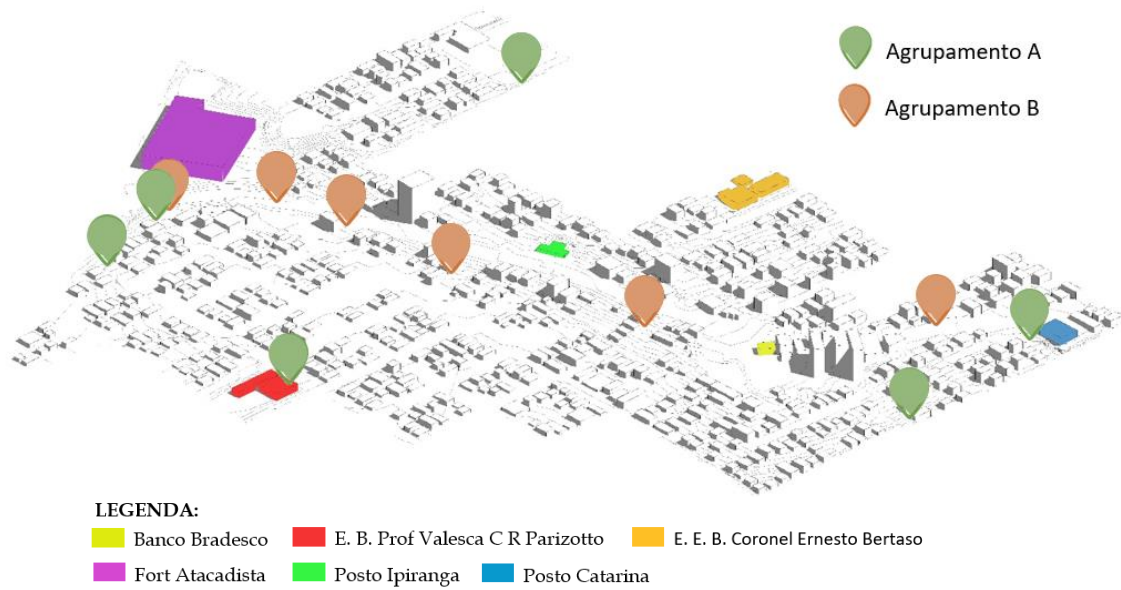
Figura 5: Apropriações corpográficas dos não lugares



Fonte: elaborado pelos autores, 2018.

Perante esses novos possíveis lugares, foram experimentados grupos de equipamentos que pudessem ser replicados pela cidade a partir de um conceito genérico, mas que mesmo assim, atendessem as especificidades de cada lugar/não lugar. Com isso, foram criadas intervenções que fossem capazes de potencializar o uso e a performance desses espaços identificados. Como exemplos práticos, são trazidos os agrupamentos de: (a) muros e taludes e (b) espaços de estacionamento (Figura 6), que se espacializam pela área de acordo com as leituras obtidas no espaço.

Figura 6: Espacialização dos agrupamentos A e B



Fonte: elaborado pelos autores, 2018.

3.1 A ESCALA DO CORPO

Tendo em vista a aproximação do corpo com a cidade, foram observados além dos lugares e apropriações, as corpografias sobre os mesmos (Figura 7), onde pôde-se inspirar a criação das propostas, de forma que atendessem as necessidades e possibilitassem novas performances pela cidade, além de se conectarem com a mesma por meio de sua estética na paisagem.

Figura 7: Corpografias



Fonte: elaborado pelos autores, 2018.

O agrupamento A (Figura 8), apresenta uma estética que responde ao seu contexto a partir da estrutura escalar, onde, se tratando da resposta a muros e taludes, possibilita a conexão entre os dois níveis, fazendo com que o corpo sinta a experiência do equipamento

no processo. Sua proposta busca recuperar os espaços públicos pelo uso colaborativo com o lugar, fazendo com que a comunidade faça parte do processo, através de um uso que torne o corpo o seu movimento no objeto pela leitura do mesmo sob o lugar.

Figura 8: Agrupamento A



Fonte: elaborado pelos autores, 2018.

De forma diferente, o agrupamento B (Figura 9) ocupa espaços que são cotidianamente ocupados por veículos, muitas vezes até mesmo avançando em passeios públicos (sobretudo na Avenida principal da área, onde não é permitido estacionar na rua e utiliza-se o recuo das edificações para tal). Esse equipamento segue a proposta de incluir o corpo nesses espaços, onde o mesmo é marginalizado pelo veículo.

A funcionalidade dessa proposta propõe módulos móveis, que permitam a abertura de forma autônoma pelos usuários, possibilitando assim o uso do equipamento em períodos não comerciais. Quando abertos, os módulos formam uma arquibancada que permite diversas formas de manifestação dos corpos e, quando fechados, fazem o emolduramento da paisagem e se tornam uma tela urbana.

De uma maneira geral, ambas as propostas permeiam pelos lugares/não lugares como forma de aproximar o corpo da cidade, trazendo através da escala do corpo uma visão de urbanismo que propõe viabilizar o uso do espaço em uma maneira que o corpo seja privilegiado e tenha protagonismo nas suas performances.

Figura 9: Agrupamento B



Fonte: elaborado pelos autores, 2018.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a performance do corpo sobre os espaços urbanos possibilita a compreensão das mais variadas escalas da cidade, permitindo a homogeneização da arquitetura e do urbanismo e as experiências de vivência na cidade.

O trabalho realizado possibilitou a compreensão do espaço urbano e da sua efemeridade com relação aos corpos. Nesse processo foi identificada e elaborada uma metodologia evolutiva (Figura 10) para sequenciar o estudo. Tal metodologia fomenta inicialmente a interpretação dos espaços urbanos pela leitura e análise das condições e ocupações que o mesmo apresenta, possibilitando posteriormente a materialização, produção e execução da proposta. Diante dessa metodologia, ficam destacadas as rupturas temporais que fazem parte da existência, uma vez que todo o processo chega a um fim e tende a ter um novo início, fazendo assim novas interpretações e sequenciando o seu tempo.

Figura 10: Metodologia evolutiva



Fonte: elaborado pelos autores, 2018.

Ao longo do trabalho foi possível observar a cidade como um mecanismo vivo e receptor. Isso pode ser observado nas formas de apropriação com que os corpos se relacionam perante a cidade, em intervenções artísticas e ocupações, sejam essas temporárias ou permanentes. Desta forma, o corpo passou a se fazer presente na ocupação dos não lugares, tornando-os assim espaços vistos pela cidade e possibilitando a sua experiência como lugares.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994, p.111
- DUARTE, Cristiane Rose de S. A empatia espacial e sua implicação nas ambiências urbanas. Natal: Projetar, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar>. Acesso em 10 de abril de 2019.
- FACCO, Janete; FUJITA, Camila; BERTO, James L. AGROINDUSTRIALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO DE CHAPECÓ – SC (1950 – 2010): UMA VISÃO SOBRE OS IMPACTOS E CONFLITOS URBANOS E AMBIENTAIS. Santa Cruz do Sul: REDES, 2014 Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/2481> Acesso em 15 de maio de 2019.
- JACQUES, P. B. Corpografias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em 20 de abril de 2019.
- JACQUES, P. B. Estética da Ginga: A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- MELO, Lívia; LIMA, Ana; RODRIGUE, Anna; RODRIGUES, Larissa; LIMA, Alane; JÚNIOR, Tony; SANTO. Corpo social e as relações de cuidado. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v.6, n.8, p. 61584-61600 aug. 2020
- MOEHLECKE, Vilene. Corpos da cidade: territórios e experimentações. *ArqTexto7*, 2005. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Vilene%20Moe hlecke.pdf](https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Vilene%20Moe%20hlecke.pdf). Acesso em 12 de maio de 2019.
- NETTO, J. Teixeira Coelho. A construção do sentido na arquitetura. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. 178 p.

NOTAS

¹ Encontro bienal realizado na Universidade Federal da Bahia (UFBA). “Configura-se como um campo de debates, ações e articulações (...) criado na primeira edição do encontro em 2008, que testou um formato híbrido entre acadêmico e artístico” (Gestos Urbanos, 2016). Mais informações sobre a plataforma: <http://www.corpocidade.dan.ufba.br/>

² JACQUES, 2003, p. 15. “As três figuras – Fragmento, Labirinto e Rizoma – devem definitivamente ultrapassar a esfera do formal para alcançar o conceitual.”

³ JACQUES, 2003, p. 16. “(...) mediante a mudança de escalas: passamos do corpo (físico) à arquitetura, no Fragmento; da arquitetura ao urbano, no Labirinto; e do urbano ao território, no Rizoma.”

⁴ Estimativas IBGE – 2017. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/chapeco>

⁵ FACCO, Janete; FUJITA, Camila; BERTO, James L. AGROINDUSTRIALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO DE CHAPECÓ-SC (1950 – 2010): UMA VISÃO SOBRE OS IMPACTOS E CONFLITOS URBANOS E AMBIENTAIS, 2014 (com base em estimativas do IBGE e da Prefeitura Municipal de Chapecó)